

Editorial

O presente número da Revista Mneme intitulado “**Inspirações Atlânticas. Cultura, imagens e representações**” é o resultado das reflexões levadas a efeito por um grupo de académicos e investigadores portugueses e brasileiros sobre as duas margens do Atlântico e, estamos em crer, poderá constituir uma oportunidade para repensar as relações entre a História, a cultura, as artes, os fenómenos políticos, sociais e económicos, contribuindo, ainda que de forma modesta, para o acréscimo de inteligibilidade do espaço Atlântico de expressão portuguesa.

O presente espaço cultural luso-afro-brasileiro é feito de dúvidas, de interrogações, de algumas certezas, mas também de muitas incertezas. Assim sendo, a procura, a busca de compreensão desta realidade presente conduz-nos inevitavelmente a questionar o passado numa tentativa de compreensão do presente e de “prefiguração do futuro”.

Michelet, numa obra publicada no século XIX, lembra essa realidade nestas palavras: “aquele que quiser atar-se ao presente não compreenderá nunca esse mesmo presente.” Este número da Revista Mneme insere-se plenamente neste plano epistemológico.

No que respeita ao conteúdo, o presente número coloca um desafio provocador que vem contribuir com um diálogo interdisciplinar e crítico, com inovação e estímulo, para o debate entre as duas margens do Atlântico. Ao longo dos oito textos de especialistas nacionais e estrangeiros oriundos de diferentes áreas do saber (Ciência Política, Relações Internacionais, História, Farmácia, Antropologia) são colocadas, com particular actualidade, questões como: relações transatlânticas, revolução atlântica (circulação de ideias, viagens, ciência), América portuguesa, África portuguesa, ultraperiferia, inspirações atlânticas e identidades, espaço atlântico versus construção do espaço europeu. Trata-se de temas sempre actuais e oportunos, num momento em que o espaço atlântico repensa o seu destino e se prepara para os desafios do “Novo Século”.

Neste contexto, não será demais analisar e referir os aspectos mais relevantes dos artigos publicados neste número.

Miguel Estanqueiro da Rocha no seu artigo intitulado “Portugal Democrático e o Atlantismo” estuda as relações histórico-políticas entre Portugal e os Estados Unidos não só durante o período revolucionário quando as autoridades americanas temeram a implementação de um regime comunista, mas também durante os ulteriores governos constitucionais.

Clara Isabel Serrano através de uma análise cuidada dos manuais de História Espanhóis, procura esclarecer o processo de construção política da União Europeia, tendo sempre em vista o realçar dos seus aspectos mais significativos e a reflexão e a problematização, em simultâneo, sobre várias questões de importância extrema.

Num artigo especializado sobre “As Regiões Ultraperiféricas Portuguesas: discurso político e imprensa regional”, **Isabel Maria Freitas Valente** analisa o conceito de Ultraperiferia e procura indagar de que forma esta realidade ultraperiférica se traduziu no discurso político e que ecos teve na imprensa portuguesa, muito concretamente na imprensa regional.

Victor Barros, no seu artigo intitulado “Inspirações atlânticas e imagens brasileiras na representação de Cabo Verde”, traça um breve diagnóstico sobre a forma como o Atlântico, enquanto espaço e extensão marítima, subjaz ao próprio enredo que possibilitou a construção e a “invenção” colonial de Cabo Verde e a articulação deste com o Brasil.

João Castro Maia, por seu lado, recorrendo aos diários de viagem de Brandão de Mello, procura apresentar alguns dados sobre a história do conceito de feitiço em Angola, expondo a perspectiva de um autor que viveu num período de forte mudança nesta ex-colónia portuguesa.

João Rui Pita revela-nos no seu artigo a figura relevante da medicina e da ciência luso-brasileira, o Boticário - Manuel Joaquim Henriques de Paiva. É objectivo deste artigo traçar uma breve biografia de Henriques de Paiva, sublinhando a sua faceta de difusor científico, e estuda-se com pormenor a sua obra pioneira na introdução da vacinação em Portugal — o *Preservativo das bexigas*.

Ubirathan Rogério Soares aborda a questão das “divorciadas dos séculos XVIII e XIX”. Este artigo apresenta uma análise construída a partir do estudo empírico com objectivo final de discutir o processo de secularização presente nas rupturas dos relacionamentos matrimoniais no Rio Grande do Sul, entre 1766 e 1890.

Através da compulsão de parte da documentação existente no arquivo do IHGRN referente à Capitania do Rio Grande do Norte, **Thiago Alves Dias** analisa o quotidiano jurídico-civil do Senado da Câmara de Natal. O autor constata que competia ao escrivão colonial na América portuguesa a responsabilidade de “tudo tomar nota” permitindo, assim, a perpetuação daquilo que era discutido e acordado dentro das Casas de Câmara.

Boa Leitura!

Isabel Maria Freitas Valente
Membro do Conselho Editorial
Mneme – Revista de Humanidades